

# OS DIFERENTES USOS DAS TIC: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA TERCEIRA IDADE

Sarah Rizzia Campos Luíz Miranda – UEG/CCSEH<sup>1</sup>

Tatiane Custódio da Silva Batista – UEG/CCSEH<sup>2</sup>

Mirza Seabra Toschi – UEG/CCSEH<sup>3</sup>

**RESUMO:** A sociedade atual tem sido orientada para uma grande utilização e por vezes dependência do uso das tecnologias que se estende a diversas atividades cotidianas e também a variadas fases da vida, desde crianças pequenas até os chamados Terceira Idade. Hoje, Segundo o PNAD (2013), sabe-se que a expectativa de vida dos brasileiros vem aumentando o que vem ocasionando no crescimento da população idosa, a partir disso, há a preocupação pela qualidade de vida dessas pessoas. Neste sentido o estudo apresentado foi realizado com idosos e pessoas com baixo letramento. Essa investigação parte do pressuposto de que esse novo modelo social baseado em aparatos técnicos pode modificar demandas sociais, afetar políticas públicas e trazer novas situações para se viver melhor. A pesquisa tem como principal objetivo identificar o perfil da população idosa, como fazem uso de ferramentas digitais, e observar as finalidades destes ao utilizarem o computador e a internet, destacando suas dificuldades e facilidades de manuseio das TIC, já que as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação estão continuamente inseridas no meio social, exigindo que todos tomem conhecimentos por seus usos a fim de agilizar atendimentos e resoluções de problemas. O intuito maior da pesquisa é ajudar a melhorar a qualidade de vida dos idosos, mostrando que é possível que estes se insiram no mundo digital. Nas oficinas sempre se busca valorizar os conhecimentos dos sujeitos, como atividades do dia a dia deles, buscando que eles entendam que podem ensinar algo as bolsistas, que aquele momento pode ser uma troca de saberes, o que tem auxiliado na interação deles com os bolsistas, que além de auxiliar procura sempre enfatizar e valorizar seus saberes.

**Palavras- chave:** Terceira idade. TIC. Inclusão social e digital.

## Introdução

Em artigo publicado no Brasil, Castells (2003) afirma que a Internet tem sido um tecido social de nossas vidas. Ao fazer esta afirmação o autor se refere à grande rede de computadores que podem se comunicar entre si, realidade que tem aumentado em nosso país. Essa grande utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e da Internet tem causado alterações importantes na sociedade. Alterações que foram e têm sido a cada dia incorporadas em atividades relacionadas ao ensino e a pesquisa, e também naquelas voltadas para o mundo do trabalho, o que evidência a necessidade de inclusão de todos nesse modelo social.

---

<sup>1</sup> Pedagoga pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas, Anápolis, e-mail: sarahrizziaclm@hotmail.com.

<sup>2</sup> Pedagoga e Mestranda (Mestrado Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias) pela Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas, Anápolis, e-mail: tatiane\_custodio\_silva@hotmail.com.

<sup>3</sup> Coordenadora e orientadora da pesquisa, professora da Universidade Estadual de Goiás e no Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias - Câmpus de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis, e-mail: mirzas@brturbo.com.br

Nesse sentido, percebe-se que as Tecnologias da Informação e Comunicação e a Internet (TIC) têm causado alterações perceptíveis na sociedade de forma geral, eles vêm sendo cada dia mais incorporadas tanto em atividades de ensino e pesquisa, quanto voltadas para o mundo dos negócios, alavancada pela sociedade em rede, como uma forma de relacionamento social. Percebe-se também o grande crescimento das redes sociais utilizadas para o lazer, o trabalho, a criação e a manutenção de relações, na vida com os próximos e com os distantes, inclusive na vida social, assim como nas empresas e entre as empresas.

A definição de tecnologia é muito ampla e discutida atualmente. Para Belloni (2009) Tecnologia da Informação e Comunicação, podem ser consideradas as mídias de televisão e suas variações (videocassete, DVD, antena aberta, por assinatura), os jogos de vídeo (videogames) e também de computador, assim como filmadoras de vídeo e máquinas fotográficas, MP3, telefones celulares e redes. Para a autora as TIC são ferramentas que facilitam e possibilitam a informação, a interação e a comunicação do homem com seus pares, considerando que estas são construções e apropriações históricas.

Seguindo a ideia de Bévort e Belloni (2009) entendemos como tecnologia o que é construído e apropriado historicamente, carregando bagagens culturais e sociais. As TIC são desta forma, mais que simples recursos. Elas necessitam do homem para existir e para serem utilizadas.

Santaella (2003) nos mostra o quanto tem sido comum as implicações das tecnologias na sociedade atual. A autora acredita que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) além de mudar as formas do entretenimento e do lazer, mudam também as demais esferas da sociedade, como o trabalho, o gerenciamento político, atividades militares e policiais, consumo, comunicação e a educação. Afirma que as TIC terão implicações em toda a estrutura social das sociedades.

É preciso considerar que nos últimos anos a expectativa de vida entre os brasileiros tem aumentado bastante<sup>4</sup>, resultando em um aumento significativo na população idosa. Neste aspecto, os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2013, demonstram que os idosos (de 60 anos ou mais) residentes em Goiás chegam a totalizar 11,6% da população geral. Vê-se também que a expectativa de vida em Goiás em 2014, de acordo com projeções do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE) é de aproximadamente 74 anos (BRASIL, 2010 - 2014).

---

<sup>4</sup> IBGE 2010 - A proporção de idosos vem aumentando na população do Brasil, e este envelhecimento tem como explicação a continuação do processo de declínio da fecundidade e simultaneamente, o crescimento da esperança de vida, tanto dos homens como das mulheres.

Com esse aumento da expectativa de vida, a sociedade vem se tornando cada vez mais dependente das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e das mídias interativas, aquelas em que o uso da Internet se intensifica como forma de interação do sujeito com outros sujeitos, com as informações e serviços. A este respeito vem crescendo também a preocupação pela qualidade de vida dos idosos.

As tecnologias digitais estão continuamente inseridas no meio social e exigindo que todos tomem conhecimentos por seus usos a fim de agilizar atendimentos e auxiliar em resolução de problemas. Segundo Medeiros (2012), as ferramentas são muitas, os computadores pessoais, os caixas eletrônicos, os telefones celulares e smartphones e a internet, emergindo como revolucionário meio de integração social, no processo de Inclusão Digital.

Tais ferramentas enriquecem a comunicação e proporcionam acesso a informações e serviços diversos, tudo em tempo real, assim, representam um processo de ganho sociocultural e de empoderamento, do qual se mostra a necessidade de outro tipo de alfabetização, a chamada alfabetização digital.

Porém, ainda hoje existem pessoas que não possuem condições favoráveis a esses usos, o que as impossibilitam de compreender o funcionamento destes sistemas e principalmente de acompanhar as constantes mudanças e atualização das TIC. Situação presente e que atinge os idosos, para os quais as evoluções tecnológicas ocorreram no decorrer de suas vidas.

Assim, estes sujeitos não pertencem aos chamados nativos digitais que, pois segundo Franco (2013), o termo que refere-se aos que não só nasceram em um mundo cercado por tecnologia digital, mas que também fazem uso de meios digitais como parte integrante de suas vidas.

O autor destaca ainda não podemos dizer que os nativos digitais são superiores ou inferiores aos imigrantes digitais. Mas podemos dizer que os idosos de hoje são os imigrantes digitais, ou seja, não nasceram rodeados por tecnologias digitais, e assim precisam aprender e envolver com os usos possibilitados e por vezes exigidos pelas TIC.

Entretanto em uma pesquisa realizada, Lindôso *et al* (2011) informa que

com a informática fazendo parte do cotidiano do idoso, muitos aspectos também passaram a ser considerados no que diz respeito a seu desempenho nesses cursos e oficinas. Verificou-se, em oficinas realizadas para a inserção do idoso como usuário do computador, que grande parte deles apresenta dificuldades de manuseio do teclado e do mouse, já que o uso desses acessórios requer uma coordenação motora harmoniosa e no processo de

envelhecimento o declínio motor pode manifestar-se. Além deste aspecto, existem outros que estão relacionados ao envelhecimento e que também podem trazer dificuldades no aprendizado do uso do computador: aspectos físicos, visão, audição e declínio no processo cognitivo (como atenção e memória) (LINDÔSO *ET AL*, p.306, 2011).

Assim, a preocupação e o favorecimento de políticas de inclusão desperta a ideia de uma parte da população que está excluída da sociedade, pelo fato de não estar posicionado nas demandas da sociedade e também pela desigualdade que apresenta no mundo capitalista. E assim infere as diferenças econômicas, políticas e culturais entre os grupos sociais.

Em relação a possibilidade de inclusão e/ou exclusão por meio das TIC, Weiden (2005) afirma que

É importante observar também que o modelo econômico vigente utiliza-se de vários artifícios para fazer suas vítimas, e nesse contexto, a informatização, é utilizada, genericamente, como fortíssimo meio de exclusão. Desta forma, a inclusão digital torna-se ferramenta, também, de inclusão social. Neste cenário, o computador deve ser visto como um amigo e não somente como um desafio que não será enfrentado (WEIDEN, s/p, 2005).

Portanto Silva *et al* (2005) afirma que a inclusão digital tem parte do acesso a informação que está disponível nos meios digitais e pretende chegar a compreensão da informação e uma releitura em adquirir novo conhecimento, possibilitando uma ampliação para o uso inteligente do saber.

Nesse sentido Santaella (1997), afirma a importância da inclusão digital, pois elas auxiliam os homens desde tarefas manuais, até as de pensar, pois nos mostra que há três níveis de relação do homem com a máquina, o nível muscular motor, o nível sensorio e o nível cerebral. De forma que o muscular precede o sensorio, e este precede o cerebral. Não significa que uma nova relação desconsidere a anterior, mas permite que um nível de relação conviva e até colabore com outro nível anterior.

Segundo a autora as máquinas musculares são capazes de substituir a força física do homem ou auxiliar em serviços musculares, é o nível muscular-motor que teve seu signo na revolução industrial, um exemplo é a máquina a vapor e depois a utilização da eletricidade. As máquinas sensoriais, que se deu posterior ao nível muscular-motor, são máquinas que se dão como extensão dos sentidos humanos - como extensões da visão, da audição, etc. No nível de relação das máquinas cerebrais inicia-se com estudos e investigações de processos humanos internos, que iria resultar num mecanismo entendido no sentido educacional, aqui as

máquinas aparecem como extensão da mente humana, como o estender do cérebro, um marco desse nível de relação é o computador.

Considerando a relação humana com as tecnologias, a colocação de Weiden (2005) reforça a necessidade de que as TIC sejam, e estas podem, ser utilizadas como fonte e fator de inclusão digital e acima disso, de inclusão social dos considerados excluídos digitalmente e principalmente dos considerados excluídos da sociedade e seus direitos na atualidade. As TIC podem e devem ser utilizadas no sentido de ser extensão e auxiliar nas relações humanas.

A este respeito, Silveira (2001) observa que a inclusão social passa pela inclusão digital, uma vez que considera que é pela rede mundial de computadores – pela Internet – que circula e disponibiliza a informação. Já que por meio das TIC, pode-se alcançar e viver experiências e relações antes limitadas pelo espaço e/ou tempo, além de outras contribuições na vida diária e em sociedade. Para o autor às camadas já excluídas de importantes direitos sociais, como saúde e educação, não pode ser negado também o conhecimento e possibilidade de acesso a essas tecnologias, pois significa desvalorizá-las ainda mais, por questões nas quais elas não são responsáveis e sim vítimas.

Assim, o objetivo deste projeto foi identificar e analisar o desempenho dos idosos, buscando conhecer como esses indivíduos reagem diante do contato com diferentes mídias. Assim, buscou-se identificar em quais formas de uso elas são adequadas e de fácil manuseio e de entendimento para eles. Identificar suas particularidades no manuseio das diferentes tecnologias e também perceber as principais barreiras encontradas na percepção dos sujeitos pesquisados e dos observadores do estudo.

Tratando de uma pesquisa com abordagem qualitativa, por meio de oficinas de vivência de contato com diferentes mídias no Laboratório de Mídias Interativas (LIM).

Anderi, Toschi e Paiva (2014) descrevem o espaço de realização das oficinas, ressaltando sua importância quando dizem que

Inaugurado em dezembro de 2013, o Laboratório de Mídias Interativas (LIM) e o Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores (LIFE) constitui-se em uma importante conquista tanto do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT), quanto dos cursos de licenciatura da UnUCSEH e para os pesquisadores da área de ensino, pois é um espaço para o desenvolvimento de pesquisas na área da educação envolvendo o uso de tecnologias, bem como é campo de formação do professor pesquisador. Sua estrutura física, material e organizativa procura assegurar o acesso a diferentes mídias móveis e fixas, a equipamentos para gravação de imagens e som, software (edição de som, imagem, análise de dados qualitativos). Com acesso à Internet, possibilita que os professores tenham condições de aprimorar o manuseio das diferentes mídias digitais, que possam desenvolver projetos de produção e divulgação de materiais didáticos; acessar os resultados das pesquisas realizadas no laboratório; criar,

organizar e atualizar banco de dados contendo objetos de aprendizagem que poderão subsidiar o trabalho dos professores (ANDERI, TOSCHI e PAIVA, p. 91, 2014).

A observação foi aspecto imprescindível nas fases deste estudo. Em relação a ação de observar, Lüdke e André (1986) observam que desde o início do estudo o observador deve se preocupar em inspirar confiança. Luna (2007) destaca que o pesquisador precisa estar “atento à realidade que pesquisa e ser sensível às alterações que ela pode exigir” (p.61). Para tanto, foram feitas fotos dos encontros e estes forma registrados em protocolos de observações e ocorrências.

As oficinas foram iniciadas em meados de abril, com a participação de idosos com mais de 60 anos que demonstram individualidades quanto ao manuseio e acesso aos equipamentos, manifestando também interesses distintos. Buscavam aprender a ler, a tirar fotos, a trocar emails com a família, etc - são destaques de atividades mais buscadas pelos sujeitos da pesquisa.

### **Contribuições da pesquisa**

De uma pesquisa é esperado a produção de conhecimento novo e verdadeiro, espera-se também que seja possível divulgá-lo à sociedade, sendo este o compromisso da ciência.

O projeto realizado e que aqui é apresentado pode contribuir para o crescimento de todos envolvidos, tanto a equipe como os cursistas participantes. A partir destes momentos de relação nas oficinas e reuniões, vivenciamos experiências que compõem o tripé da universidade (ensino, pesquisa e extensão)<sup>5</sup>, são momentos e vivencias que partiram de uma pesquisa, mas que proporcionam a extensão e também o ensino, a partir de conhecimentos proporcionados e que pudemos construir em conjunto com os orientadores e com os sujeitos da pesquisa.

Os resultados deste trabalho circulam em perspectivas internas e externas. É possível e perceptível resultados internos, com ganhos que a equipe e instituição teve com o estudo e com o espaço de aprendizado oferecido aos graduandos e bolsistas de Iniciação Científica e aos mestrandos da pesquisa. E como resultados externos, destaca-se as contribuições que o estudo oferece a elaboradores, implementadores e avaliadores de políticas públicas de

---

<sup>5</sup> Como é defendido na Constituição Federal Brasileira, no capítulo III, seção I, artigo 207 - As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

inclusão digital e de atendimento à terceira idade e também ao atendimento de pessoas que terão a possibilidade de se apoderarem de novos conhecimentos e habilidades.

O estudo buscava que todos os envolvidos - a universidade, seus estudantes e docentes - e da amostra - idosos, pessoas com pouca escrita e leitura e pessoas com dificuldades de locomoção - pudessem contribuir uns com os outros, colaborando na construção de uma sociedade mais solidária, igualitária e humana.

Antes das oficinas foram realizadas pesquisas que objetivavam saber qual era o interesse das pessoas ao utilizarem as tecnologias. A pesquisa foi feita em diversos espaços frequentado pelos segmentos a serem atendidos, foram aplicados questionários a várias pessoas a fim de identificar o nosso público, essas pesquisas foram realizadas em bancos, restaurantes, praças e no centro de convivência de idosos na cidade de Anápolis, Goiânia e Rio Verde, no estado de Goiás.

As oficinas realizadas alcançaram uma parcela do público que buscávamos alcançar, pois a maioria dos participantes eram idosos, sendo que entre eles alguns tinham baixo letramento, e também pessoas com dificuldades de locomoção. Entendemos nessa experiência que os idosos possuem sim algumas peculiaridades quanto a aprendizagem e manuseio das TIC.

Os sujeitos da pesquisa, em contato com os diversos recursos disponíveis tiveram diversas maneiras e facilidades para executarem tarefas do cotidiano, desde o uso do celular para ligações, envio de torpedos, até o uso do computador como forma de entretenimento, como busca de informações, envio de e-mails e páginas nas redes sociais.

Percebeu-se que estes usos podem facilitar atividades diárias como um simples fato de interagir ao caixa eletrônico, pois não basta ter a senha, existe uma necessidade de assimilação de um raciocínio para operar a máquina. O que mais motivou os cursistas em aprender coisas novas e poder contribuir nos momentos e em experiências importantes para a vida dos cursistas.

Traduzir uma linguagem digital como “navegar”, “baixar aplicativos”, estar “conectados”, causa uma estranheza para os que não são letrados digitalmente. Assim torna-se importante e prioritário a inclusão digital nas políticas públicas, para imaginar um desenvolvimento igualitário, ou certa independência que desprende e liberta para ações no âmbito pessoal, do trabalho, integração no meio de redes sociais, manutenção das relações, lazer, vida social e tantos outros que envolvem os idosos e pessoas de baixa escolaridade.

Atividades de aprendizagem estas que têm acontecido em uma rede de colaboração, nos quais os sujeitos contribuem com os monitores e esses por sua vez os auxiliam, há

também ajuda entre os cursistas da pesquisa, os quais podem aprender auxiliando nas dificuldades e dos colegas.

Tem-se buscado priorizar o que os idosos e as pessoas com baixa escolaridade demonstram como principais desejos, ou seja, sempre se inicia indagando quais os recursos querem manusear e aprender primeiro, quando atingir o objetivo deste ou se não de identificar com a mídia escolhida, pode passar para outro aparelho e assim sucessivamente.

Após as oficinas o grupo que tem trabalhado diretamente com os cursistas nota um avanço tanto no manuseio dos equipamentos e suas funções, como no envolvimento com as pessoas, que chegaram tímidas e acanhadas, e ao término já estavam mais a vontade e se interagem facilmente. Há relatos de familiares que afirmam que os cursistas gostavam e esperavam com muita vontade o dia de participarem da oficina, o que demonstram uma satisfação por parte dos mesmos.

Já em relação à alfabetização, há certa tendência em entender que seria uma simples habilidade de reconhecer símbolos e fazer relações entre as palavras para a leitura e escrita, ou seja, decodificação e codificação, porém para além dessa importância, deve entender que é primordial a competência em compreender, assimilar, reelaborar e aproximar de um conhecimento que desenvolva ações conscientes, que seria o letramento digital. Pois, o letramento digital caminha pelo mesmo propósito, desenvolver habilidades no manuseio da máquina ou dispositivo, acessando informações, usando com meio de agregar conhecimentos para um uso inteligente, ou seja, um uso consciente e crítico que ajude no desenvolvimento pessoal, social e cultural, no sentido de compreender outras dimensões e referências que estão presentes nos conteúdos virtuais.

Teixeira (2010) aponta questões que reforçam a necessidade de um letramento, de um conhecimento além dos códigos e usos, para a autora:

é preciso reconhecer que, mais do que conectar equipamentos, conectam-se culturas e contextos diferenciados, ampliando as possibilidades de trocas e de crescimento sociocultural, mas também criando um novo território, aberto e indefinido, sujeito à manipulação de informações, à imposição cultural, à incitação para o consumo e a influências externas (TEIXEIRA, p.40, 2010).

Na perspectiva de compreender o comportamento de cada indivíduo e sua relação com a tecnologia, temos que considerar o contexto de múltiplas dimensões que o constituem, como as experiências vivenciadas, as relações sociais, o aspecto econômico, o contexto cultural. “O caminho de uma malha é determinada não pela fonte de informação, mas pelo utilizador que com ela interage” (MARQUES, 1998: 87).

Nesse sentido, além das oficinas terem sido momentos de conhecimentos e contato dos sujeitos com os recursos oferecidos, essas foram exploradas como momento de formação da equipe em trabalho com os cursistas. Para essa formação e capacitação foram realizadas também leituras a respeito dos segmentos da pesquisa e realizadas discussões do grupo sobre esses textos. O que serviu também como referencial para o trabalho com os sujeitos. As leituras e oficinas subsidiaram a escrita de relatórios, resumos e trabalhos que foram e estão sendo apresentados em eventos.

Outro aspecto de grande relevância para a equipe foi conseguir utilizar o computador para auxiliar pessoas com baixo letramento. Em um dos casos, uma cursista, ao chegar ao laboratório diz se interessar primeiramente pelo contato com a leitura e escrita para então conseguir utilizar os equipamentos. A bolsista e as professoras orientadoras da pesquisa indicaram que este contato já fosse realizado por meio dos dispositivos oferecidos. A partir de então, a cursista foi convidada a manusear e interagir com os dispositivos e equipamentos disponíveis no laboratório e assim iniciou-se um trabalho de leitura e escrita com o equipamento que mais se identificou e facilitava esse aprendizado. O notebook torna-se não o único, mas o principal instrumento de trabalho da bolsista com a cursista que já possuía 67 anos de idade e pouca familiaridade com a escrita e com a leitura.

Uma questão intrigante é que a senhora demonstrou maior facilidade em utilizar o mouse do notebook do que de um computador de mesa, gostou também de digitar no celular por afirmar que é mais fácil, pois as letras ficam mais perto. Essas e algumas outras questões nos fazem perceber que os cursistas realmente apresentam facilidades e dificuldades distintas.

Parte da equipe participou de curso da Intel aprender em parceria com a Fundação Bradesco, para o uso de tecnologias em contextualização com a comunidade, o que também serviu como auxílio para os vários usos feitos e necessários em cada oficina e com cada recurso.

### **Algumas Percepções**

A velhice é um dos estágios naturais do ser humano. Saber envelhecer envolve entender e aceitar o processo, envolve manter uma qualidade de vida que inclua uma bem estar em todos os sentidos, principalmente na sociedade de maneira ativa, que o faz pertencer ao grupo, como relata Reis (2011) “tal população tem despertado para buscar um envelhecimento mais adequado, elaborar seu envelhecer com mais saúde, qualidade de vida e

participação ativa na sociedade, tendo seus direitos assegurados pelo Estatuto do Idoso (p.12).”

As limitações influenciam na socialização e acarreta uma exclusão. Quando há uma intervenção que altere a realidade, abre para sentidos mais ativos, cívicos, sociais. O idoso e de baixa escolaridade enfrenta muitas limitações e ao ingressar em um ambiente novo, constitui-se de um grande desafio. Porém proporcionar algo a mais a essas pessoas e enfrentar com elas esse desafio contribui no sentido de entender o mundo tecnológico que o cerca e despertar a interação dentro deste ambiente. Assim importa as respostas positivas para a evolução da humanidade efetivando o bem estar coletivo.

Assim, compreendemos que as tecnologias mais solicitadas pelos atendidos são de recursos conhecidos por eles e presentes no dia a dia. Como celulares, smartphones e caixa eletrônico. Todos se interessam por ver e/ou tirar fotografias.

Acreditamos que a maior dificuldade enfrentada pelo grupo foi a reforma na universidade, o que dificultou os estudos e reuniões, assim como os atendimentos aos sujeitos.

Contudo, nos momentos de oficinas pudemos identificar as diferenças tanto no aprendizado como no gosto dos cursistas diante dos equipamentos e dispositivos apresentados a estes nos momentos das oficinas.

Nota-se que o objetivo da pesquisa tem sido alcançado na medida em que o trabalho com os sujeitos foram acontecendo, pois além dos distintos saberes e interesses, é perceptível também o envolvimento e desenvolvimento destes pelo contato tanto com as bolsistas como com os diversos instrumentos disponíveis para eles a cada dia de oficina. Houve contribuição entre os envolvidos na pesquisa, por meio da colaboração e interação dos sujeitos e demais participantes, como professores, bolsistas, parceiros, etc.

A percepção do grupo que tem trabalhado diretamente com os cursistas é um avanço tanto no manuseio dos equipamentos e suas funções, como no envolvimento com as pessoas. Há relatos de familiares que afirmam que os cursistas gostam e esperam com muita vontade o dia de participarem da oficina no laboratório.

Temos ouvido que os atendidos têm quisto e solicitado a aquisição de tecnologias que conhecem e/ou conheceram a partir das oficinas, como os celulares com tela sensível, um dos preferidos deles. Hoje fazemos parte de uma pesquisa que surge a partir dessas perspectivas e que pode dar continuidade aos conhecimentos e aprendizados.

Pesquisa esta nomeada de “Ciranda Digital: conhecimento e cidadania” que também tem como público alvo os idosos e pessoas com baixa escolaridade. Nesta nova pesquisa as

oficinas e experiências acontecem nas diversas praças digitais da cidade de Anápolis, com o intuito de ir mais perto de onde essas pessoas moram.

A pesquisa busca ser desenvolvida em três etapas, sendo a primeira: o **aprender** que compõe o básico (ligar, desligar, conectar, etc.); a segunda: o **navegar** que fará uso de sites ao qual apresentarem interesse; e a terceira: o **cirandar** fazer busca e navegações sozinhos, com monitores disponíveis.

Então, acima de tudo, nessas pesquisas realizadas pelo grupo, o intuito maior é ajudar a melhorar a qualidade de vida dos idosos, mostrando que é possível que estes se insiram no mundo digital. Nas oficinas sempre se busca valorizar os conhecimentos dos sujeitos, como atividades do dia a dia deles, como fazer crochê, receitas de bolos, conversas relacionadas a suas profissões, sempre buscando que eles entendam que podem ensinar algo as bolsistas, ou seja, que aquele momento pode ser uma troca de saberes, e isso tem auxiliado na melhora da auto estima dos cursistas, e tem ajudado na interação deles com os bolsistas, que além de auxiliar procura sempre enfatizar e valorizar seus saberes.

## Referências

ANDERI, Eliane Gonçalves Costa; TOSCHI, Mirza Seabra; PAIVA, Gláucia Xavier dos Santos. O laboratório de mídias interativas e interdisciplinar de formação de educadores (LIM/LIFE): espaço de desenvolvimento de professores pesquisadores. In: *Anais da jornada de pesquisa, pós-graduação e extensão da UnUCSEH: VIII Seminário de Pesquisa dos Professores, IX Jornada de Iniciação Científica 2014*, p. 91-92. Disponível em: <[http://www2.unucseh.ueg.br/seminario\\_pesquisa2014/downloads/anais\\_jornada\\_pesquisa2014.pdf#page=38](http://www2.unucseh.ueg.br/seminario_pesquisa2014/downloads/anais_jornada_pesquisa2014.pdf#page=38)> Acesso em julho de 2015.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. *Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas*, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf> Acessado em: 01 de outubro de 2014.

BELLONI, Maria Luiza. A integração das tecnologias de informação e comunicação aos processos educacionais. In: BARRETO, Raquel Goulart (org.). *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

BRASIL, Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística (IBGE). *Censo Demográfico 2000*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf>>. Capturado em mar. de 2013.

BRASIL, Instituto Mauro Borges (IMB). *Análise Socioespacial dos Idosos em Goiás*, 2014. Disponível em: <[http://www.seplan.go.gov.br/sepin/down/analise\\_socioespacial\\_dos\\_idosos\\_em\\_goiias.pdf](http://www.seplan.go.gov.br/sepin/down/analise_socioespacial_dos_idosos_em_goiias.pdf)> Acesso em jun. de 2015.

BRASIL. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2013. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=go&tema=pnad\\_2013](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=go&tema=pnad_2013)> acesso em 06 out. 2015.

CASTELLS, Manuel. Internet e sociedade em rede. In: MORAES, Dênis de (org.). *Por uma outra comunicação – mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003. (p. 255 a 288).

FRANCO, Claudio de Paiva. Entender as experiências de aprendizagem dos nativos digitais. *Rev. Bras. lingüista. apl.* Epub ahead of print 24 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982013005000001>>. Capturado em: 04 de março de 2013.

LINDÔSO, Zayanna Christine Lopes *et al.* Percepção subjetiva de memória e habilidade manual em idosos de uma oficina de inclusão digital. *Rev. bras. geriatr. gerontol.* vol.14 no.2 Rio de Janeiro, Apr./June 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000200011>>. Capturado em: 04 de março de 2013.

LÜDKE, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. 2. Ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

LUNA, Sérgio Vasconcelos. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1998.

MARQUES, R. Os desafios da Sociedade da Informação. Em Conselho Nacional de Educação (ed.), *A Sociedade da Informação na Escola*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação, 1998.

MEDEIROS, Felipe de Luca *et al.* Inclusão digital e capacidade funcional de idosos residentes em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil (EpiFloripa 2009-2010). *Rev. bras. epidemiol.* vol.15 no.1 São Paulo Mar. 2012. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.1590/S1415-790X2012000100010>. Capturado em: 04 de março de 2013.

REIS, Adriana Araújo. Um novo olhar para a velhice. *Revista Portal de Divulgação*, nº 16, nov. 2011.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. Porto Alegre. *Revista FAMECOS*. nº 22, 2003.

SILVA, Helena, *et al.* *Inclusão digital e educação para a competência informacional: uma questão de ética e cidadania*, 2005. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/ci/v34n1/a04v34n1>> . Acesso em: 06 de julho de 2015.

SILVEIRA, S. A. *Exclusão digital - a miséria na era da informação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

TEIXEIRA, Adriano Canabarro. *Inclusão digital: novas perspectivas para a informática educativa*. Ijuí: Unijuí, 2010.

WEIDEN, Fernanda G. *Inclusão Digital: Um problema de gênero na sociedade da informação*. 2005. Disponível em: <<http://www.genderit.org/es/node/2252>>. Acesso em: 13 de junho de 2015.